



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR:

PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração
e PropriedadeCasa do Gaiato, 19 Parla
Paga de Sousa

Composição e Impressão

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. Santa Catarina, 628-Porto

Vales do Correio para Cete

Ano III—N.º 55

6 de Abril de 1946

Preço 1\$00

Como eu vi a festa

Mais uma cruz...

A inauguração da Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa revestiu e ultrapassou todo o esplendor que se esperava.

O dia, cerrado de núvens na véspera, levantou as suas pesadas cores, apresentando-se suave e permitindo que se deslocassem àquela nova Aldeia de Portugal centenas de forasteiros, alguns vindo até de bastante longe, como, por exemplo, do Alentejo.

Construíra-se mais uma Capela! Mais uma Cruz se erguia aos Céus a proclamar Cristo nas suas esplendorosas transfigurações do Thabor. Mais um facho luminoso se projecta sobre a Terra, a mostrar às almas o único caminho da salvação eterna. Os Rapazes da Aldeia de Paço de Sousa tinham mais uma casa, a primeira de todas as outras pela sua importância sobrenatural.

A's 9 horas, o Senhor Bispo do Porto subia as escadas do *atriolo* do novo edificio. Dentro e fora, as pessoas aglomeravam-se e assistiam reverentes ao acto solene. Após a bênção da Capela, seguiu-se a Missa cantada pelos Rapazinhos. Dezenas deles encontraram na Comunhão desse dia novos estímulos e alentos para prosseguirem na sua conduta íntegra de carácter. A prática do Evangelho, Sua Ex.^a Rev.^{ma} manifestou a sua consolação pelo motivo a que tinha sido chamado, alegrando-se com a benemérita Obra e exortando os fiéis a compenetrarem-se do momento solenissimo. Apelou para a boa vontade nunca desmentida dos que podiam ingressar na cruzada de Amor em prol da Criança desprotegida. A parte mística da festa tinha decorrido com todo o brilho.

Entretanto, chega o Senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que fôra dar a sua presença em nome do Governo Português, do qual levava uma prestimosa mensagem.

Seguiu-se a parte social da Festa. Ao banquete de confraternização assistiram muitas altas individualidades. Após o almoço, representantes das várias casas da Obra subiram a um estrado para exporem em breves palavras o seu caso pessoal e o que faziam nas suas obrigações. Pequenininhos de Miranda do Corvo, do Porto e Paço de Sousa, subtraídos ontem à promiscuidade, ao tugúrio, onde viviam amalgamados, passaram pelo estrado, quais botões de rosa a desabrocharem alegres e sorridentes para o futuro, que os espera como homens de carácter, a prometerem à posteridade alguma coisa de bom. A graça que neles transparecia no rosto era o símbolo do contentamento, que na sua alma transbordava em jorros de alegria perene!

O Lar de Coimbra fez-se também representar por três dos seus membros, tendo um dos quais proferido algumas palavras quanto à significação social da Obra. No final, com votos de longevidade, o Senhor Padre Américo foi efusivamente abraçado em nome dos Rapazes ausentes, impossibilitados de irem participar da festa e da alegria que também era deles. Em resposta a três palavras finais do Padre Américo, o Senhor Ministro das Obras Públicas falou, salientando-se o facto de se considerar discípulo do grande Apóstolo dos Pobres. Acabou por brindá-lo. Estava terminada a festa.

A Obra vai prosseguir. O tempo não há-de ofuscar a aurora cáldida e o brilho imarcescível que desponta daquela Capela e se espalha divinamente sobre os ramos da ideia mater.

HERLANDER

De como foi a inauguração da nossa Aldeia

ANTES de narrar, quero dizer que não é meu costume escrever para o público. Como também não era falar aos auditórios, quando dantes era pregador.

Escrevo para mim. Falava para mim. Tomava uma lição do Evangelho. Metia-me dentro dela. Reflectia. Ruminava. Quando subia ao púlpito, ia a ferver. Havia a grande ansiedade de dizer e sentia na alma do povo, a de escutar. Tudo e todos vibravam. A nota era só uma—Jesus crucificado. Deixo a norma aqui para outros missionários. Nunca fiz exame de pregador. Ficaria reprovado, se lá fosse. Faltam-me os princípios da clássica oratória sagrada.

Pois muito bem. O Gaiato é, o meu púlpito. Os leitores, o auditório. Escrevo para mim. Gozo. Deleito-me. Choro. Rio. A nota é só uma—a paixão da Obra da Rua, por amor dos que nela se abrigam.

Chegou o dia. O Prelado do Porto foi pontual; oito e meia na torre e Ele às portas da capela. Deus começou às cerimónias litúrgicas. O Ambrósio estoirou dezoito morteiros. Subiram foguetes. Tocou a música; a aldeia dos rapazes é em Portugal. Dois dias antes não se tinha visto o sol. A noite, fôra de chuva e o próprio dia da festa, acordou mal encarado. Mas o sol quis estar presente e veio também à nossa festa.

A cozinha, àquela hora, era uma alfanega. A Isabel de Entre-os-Rios veio de propósito assar sáveis no espeto. De vespera, os nossos rapazes cozeram uma fornada de trigo e uma dita de boroa mimosa. No fogão havia reforço de panelas. Tudo prometia...

Era meio-dia. O sol rebelde até ali, apostou em ficar na festa. Começam a subir a avenida carros de categoria. Lá vem ele. Era o Ministro e mais senhores. O Ambrósio estoira nova carga de morteiros. A banda, executa o hino nacional. O Senhor Ministro quis ver tudo. O Sub-secretário da Assistência e mais autoridades, acompanhavam. Inteirou-se do andamento das obras.

Nisto, vem a uma hora da tarde. Era a do almoço. Mesas postas, comida feita, criados a postos, com blusas e aventais de linho. Do nosso linho. Linho caseiro.

Era o Avózinha do Porto, o Amadeu de Elvas, o Inácio do Porto e o Avelino de Coimbra. Não quebraram nada, o que muito me espantou! Eles são perfeitos no quebrar de coisas. Afí vem a sopa, a lampreia, o sável. Vem o doce mai-lo vinho do Porto. É a hora alvorçada.

— Então você não diz nada?
— Eu não senhor.
— Mas olhe que é costume agradecer aos senhores Ministros e ao senhor Bispo.
— Isso é com os rapazes. Eles é que hão-de agradecer.

Nesta altura da conversa, tinha passado o doce, tinha passado o vinho dos discursos, e andava já o café por sobre a mesa. Um almoço com Ministros da Igreja e do Estado, sem discursos! Nunca tal se vira! Decididamente a Obra da Rua anda a fazer pouco das praxes. Mas não. Ela tem as suas praxes. As suas próprias. Não segue as dos outros.

Abre-se a porta do refeitório. Um operário sobe ao estrado: *Nenhum de nós está mais rico por trabalhar nas obras, mas que seria de nós, Senhor Ministro, se não fossem elas!* Cento e tal homens desfilam, em silêncio. Este foi o primeiro discurso. Agora vêm os rapazes. Vêm os do campo, os das capoeiras, os da rouparia, os da cozinha, os dos porcos, os das oficinas.

Vem o Inácio vestido de linho:

Continua na quarta página.

Divergencias

A uma carta devidamente assinada pelo seu autor, onde se expõe uma opinião, pode-se responder da mesma sorte, a dizer o que se pensa sobre o caso. Eu acho que não faz mal nenhum a ninguém cada um dizer o que sente, com recta intenção.

Eis a carta:

O «Fundo do Desemprego» concedeu-lhe cem contos. Rejúbilo, imensamente, creia, com isso, pois tenho uma profunda admiração pela Sua Obra e por Si. É tão grande, que os maiores elogios tornam-se, além de desnecessários, vulgarissimos.

Porém, melhor fôra, que os cem contos saíssem doutro lado, que não do Fundo do Desemprego.

Todo o dinheiro do desemprego deveria ser para os desempregados. Só para estes: Mas assim não é. Eu sei, positivamente, mas que assim não é:

Mas, para que reparar nesta anomalia, se esta situação tem tantas!

Simplesmente, eu, se fôsse Padre Américo, desorientava-os, uma vez mais, não lhes aceitando o dinheiro, que por tal via veio.

O ser a (?) que não deixa de ser simpático também, que a sua obra seja auxiliada pelos desgraçados, desempregados, como eu, e as quais, «O Desemprego», me manda bugiar, e nomeia dois Comissários, dois sub-comissários, a ganhar 4 contos cada, fora o resto.

Com estes cem que o Ministro me entregou pessoalmente, fecha-se a soma de mil contos, todos empregados nas obras da nossa Aldeia, desde Março de 1943. É precisamente uma terça parte do que se tem gasto. O outro dinheiro tem chegado por outras vias.

Nunca ouvi dizer a ninguém, nem sei, como são gastos, noutras partes, os fundos do Desemprego. Aqui, nestas obras da Casa do Gaiato do Porto, são qualificados aplicados. Quem é que o diz? Um dos operários, ao Ministro, no dia da inauguração:

Nenhum de nós enriqueceu, Senhor Ministro, mas que seria de nós se não fôsse esta obra! Eu gosto muito de dar a voz ao povo amante de paz, por isso os homens que trabalham aqui, tiveram uma oportunidade de falar. A seguir, mostraram-se. Desfilaram em frente da mesa aonde o Ministro estava. Eram 120 homens com semblante de mal comidos, a agradecer e a pedir: *Não abandone estas obras, Senhor Ministro, para termos pão.*

Estavam representantes dos maiores jornais do país. Estava o Bispo do Porto. Estava eu que gosto muito de dizer e de ouvir a verdade. Por consequência, visto o que os operários disseram e o que as são, se o Ministro não nos ajudasse, tínhamos dezenas de desempregados nestas redondezas. Tínhamos e temos. Quase todos os dias aparecem mulheres a pedir trabalho *pró meu homem*. Trabalho *pró meu filho*. Outras vezes veem os próprios fazer o pedido. Razão tinha o orador da festa para dizer: *que seria de nós, senhor Ministro!*

Salvo melhor opinião e sem desejar impor a minha, podemos chamar a sopa no mel, aos dinheiros que o Ministro das Obras Públicas concede a esta obra, com *vigilância e sobriedade*. Dá trabalho aos desempregados, impede que outros se desempreguem. Eis tudo. Eis a fórmula mais saudável de tentar resolver o difícil problema. Dar dinheiro aos desempregados, não seria um convite à boa vida?!

Quanto aos Comissários e Sub-comissários da Instituição, a ganhar 4 contos por mês, acho pouco. Eu cá gostaria de dar grandes ordenados aos que fôsem chamados às grandes responsabilidades.

Que não é nada pequena a do Guardião supremo dos enormes fundos do Desemprego. Não será motivo de alegria, para todos os portugueses, verificar que até à data, se há queixas contra a aplicação dos dinheiros, não as tem havido por descaminhos dos ditos?!

E não será isto por causa dos Comissários e sub-comissários? Esta é a minha opinião.

TRECHOS DE ALGUMAS CARTAS

Não foi de propósito que se deixaram para agora, mas vem muito a propósito publicar estas cartas para que sejam documento.

Fala um Médico de Castelo Branco:

Ontem, em Lisboa, à saída da Missa do meio-dia da Igreja de São Domingos, dois garotos apregoavam «O Gaiato», perante a indiferença da muita gente que saía.

Comprei um jornal e julgando que pagava generosamente dei um escudo.

Quando, pouco depois, verifiquei que era esse o seu preço, fiquei tão envergonhado comigo próprio que resolvi escrever, pedindo-lhe o favor de me considerar assinante de «O Gaiato».

Julgo que o jornal sai todas as semanas e para o pagamento da assinatura de um ano, mando hoje, registado pelo correio, um vale de 100\$00, com grande pena minha de não poder mandar muito mais.

Deus lhe dê saúde e forças para poder continuar a Obra em que se empenhou e que eu considero tão grande e tão sublime que me sinto pequeno e mísero quando penso nela.

Sim, meu senhor. Se V. Ex.^a se sente pequeno e mísero ao pensar nesta obra a que chama sublime, que conceito pode fazer de si mesmo o sacerdote que a vive? Se o pensamento perturba, quanto mais a acção! Mas ninguém tenha medo de cair, uma vez que se coloque no plano que lhe é devido.

Carta de um sacerdote:

O trecho que se segue, é tirado da carta de um sacerdote, pároco de uma freguesia do Douro:

Já agradei muitas vezes a Deus a inspiração da Obra e do jornal; este também, por cá faz muito bem e digo-lhe que sou dos que o não leem com os olhos enxutos; todas as semanas ele serve de leitura espiritual a um grupo de «creaditas» que já se arregimentaram para trabalhar para os nossos pobrezinhos. Como vê os bons exemplos frutificam.

Trata-se de um padre católico que tem o sentido universal das obras sociais. Agradece a Deus a inspiração delas, sem se lhe dar aonde nem como são realizadas.

A terceira carta, é de um recluso:

Tenho lido com muito proveito o jornal O Gaiato a quem felicito muito sinceramente por ter entrado no 3.º ano de vida, e vida que também em certo modo, comunica vida a quem o lê.

No meu entender, todos os portugueses... sem a distinção de sexos nem credos... deviam de assinar «O Gaiato» colaborando dum modo tão simples e muito eficaz, na Obra da Rua.

Vai em 20 anos que pela minha grande desdita sou habitante da sombria e solitária cela; e, se é certo ter lido alguma coisa de proveitoso para mim, tem sido o jornal «O Gaiato» pois tem sido através da sua leitura que tenho aprendido e traçado para o futuro, uma nova norma de vida.

Sou um dos seus primeiros assinantes; e ao ler as colunas aonde veem exarados os nomes e terras dos assinantes, exulto ao vêr que de quase todas as terras portuguesas, se interessam pela grandiosa Obra da Rua, e até os de além mar mostram a sua simpatia e boa vontade de auxiliar a Obra da Rua, somente com assinar o jornal «O Gaiato».

Ora se exulto de alegria, também sinto pesar, porque (salvo erro) ainda não vi uma única assinatura da minha terra natal (Cabeceiras de Basto).

Tem pena que os da sua terra natal, não conheçam O Gaiato. Como este jornal tem sido para ele um grande Bem, o Recluso, que se arrasta há 20 anos com um número às costas, ama. Ama, a pontos de ficar triste, ao saber que os seus próximos não participam do mesmo Bem. Exulta de alegria vendo que tanta gente portuguesa, em todo o Império Português, lê o jornal de fio-a-pavio, e isto chama-se amar com amor universal, que é a expressão do primeiro mandamento. Aqui, pode dizer-se com verdade que não há fronteiras. Já assim se não diz de outras doutrinas que as querem suprimir.

Vem agora a carta de um estudante:

Tenho uma pessoa muito querida, um coração de oiro sempre pronto a orar e a verter lágrimas pelos que sofrem. Admira, como eu, a sua obra, perdão, a obra dos seus rapazes, dos nossos rapazes.

Gostaria que lhe mandasse «O Gaiato». Sentir-me-ei feliz ao saber que chorará ao lê-lo, como

eu choro. Creio ser mais um elo a unir duas almas há já muito irmanadas numa comunhão feita de sofrimento, amor, e amizade.

Ai vão 50\$00 tirados às «croas» do tabaco. Sou estudante ainda.

Será um casamento talhado no céu, a realizar brevemente numa verdadeira comunhão de bens espirituais: *sofrimento, amor, e amizade.* De onde vem, que as almas generosas e sinceras sentem necessidade de desabafar e dizem as coisas mais íntimas a um padrinho que nem de vista conhecem?!

Carta de uma pessoa doente:

Por último, a carta de uma pessoa doente, o qual vai fazer muito bem aos doentes. Última, sim, mas não a menor:

«O Gaiato» foi sempre uma alegria para mim. A sua leitura produz-me na alma a frescura de água da fonte. Pois hoje recebi-o com alegria dobrada. E' que eu estou na cama, há muito já, com descalcificação na espinha. Tenho experimentado todos os males, todo o meu corpo tem sido pasto de doenças. Mas o espírito conservava-se rebeldemente apegado a algumas vaidades da terra. E o Senhor enviou-me este mal, para que, retida no leito por tempo indefinido, me afastasse do mundo e tivesse tempo para me ver por dentro e destruir o que de mau cá havia. E é tanto! Pôs-me dependente dos outros (quase nem posso mexer os braços...) para que vencesse o meu orgulho, que era de sobra. Tirou-me o gosto de todas as vaidades. Pois assim é que me sinto bem. Estou feliz. Só temo que, se o meu mal passar, volte o meu amor próprio. Voltará? Estou sempre a pedir a Nosso Senhor e a Sua Santa Mãe, que tenho diante dos olhos, que me deem coragem. Eu rezo pouco. Mas olho tanto para Eles e converso tanto com Eles e sou tão amiga do meu Bom Deus, quero tanto ser a sua mais humilde amiga, que espero que não me abandone. Se me abandonar... volto logo para trás. Já sei como sou.

O que acaba de ler-se, é um pequenino tratado de filosofia... divina. Uma demonstração dos caminhos do Senhor a nosso respeito, tão diferentes dos nossos desejos!

CANTINHO DOS RAPAZES

O jornal de hoje, traz o caso da mentira do Machado. Já a verdade da sua falta era conhecida de todos, e ele continuava a mentir com quantos dentes tinha. Ora isto é muito mais grave. Vós sabeis do catecismo, que contradizer a verdade conhecida como tal, é um pecado que brada aos céus.

A verdade da sua falta, era conhecida. Os cozinheiros deram pela falta da carne. O Machado foi visto naquela mesma hora na cozinha do forno, a assar a carne. Que mais é preciso, para se saber quem tinha sido? E no entanto, o Machado, continuava na sua mentira!

Permitiu o nosso Bom Deus que o pequenino Adriano, como se fôsse um anjo da guarda, viesse naquela hora confessar diante de todos uma falta que cometera e dar assim ao grande mentiroso uma lição. Oxalá ele a saiba aproveitar.

A mentira é um grande mal. O demónio é o pai da mentira. Vós quereis ser do partido do demónio?! A verdade é um bem. A verdade livra-nos de todos os males. Deus é a verdade. Quem diz sempre a verdade, é do partido de Deus.

Quando fores amanhã trabalhar, o teu patrão será tanto amigo de ti como tu fores amigo da verdade.

Se ele notar que tu dizes sempre a verdade, há-de publicar o teu nome e apresentar-te diante de todos como um homem amigo da verdade, que vem a ser a melhor recomendação para a vida.

UMA OFERTA

O primeiro azeite que ardeu na lampada e o primeiro vinho, matéria do Sacrifício Incruento, vieram pelo correio, de longas terras! O pão, já cá estava e viera também, de muito longe. De longe vieram os Magos perguntar em Jerusalém o que ali se devia saber.

Crónica do Lar do Porto

Noticias dos nossos Pobres

Como habitualmente todas as semanas reúne a nossa conferência, em que tratamos dos assuntos de cada pobre. Na última reunião quando foi informado o estado dos pobres e Despacho e o Licínio que são os visitantes da pobre de Camões disseram-nos que ela estava melhor, mas que, as noites quasi que não dorme. A seguir o Bernardino declarou-nos que o ceguinho tem o seu colchão muito velho. O Fernando que é o visitante da viuva descreveu-nos a sua visita, dizendo que ela estava com uma dor no braço e que necessitava de tratamento. Depois foi apresentado à conferência diversos donativos que são os seguintes: para a nossa protegida de Camões 2 lençois vindos de Braga e que foram entregues aos confrades visitantes daquela pobre. De uma senhora um saquito com roupas, que foram distribuídas pelas pobres de Camões e viuva. De uma anónima 20\$00, sem remete nem dizeres. E por fim de uma senhora da R. de Santo António, 5\$00 que entregou a um vendedor. Agradecemos em nome dos nossos pobres.

Noticias diversas

Conforme foi anunciado o nosso Lar foi representado em todas as cerimónias do dia da festa em Paço de Sousa. Quando todas as comunidades desfilaram perante o senhor Ministro, pelo nosso Lar falou o Ferreirinha, dizendo algumas palavras do fim a que se destina esta casa. E no final da festa regressamos ao Porto.

—Chegou há dias de Miranda do Corvo, onde estive uns meses, o nosso Lisboa. Agora já está empregado numa oficina de encadernação do Porto.

—Num dia destes quando todos nós passavamos pela Rua de Santo António, passamos pela confeitaria Palace, onde o dono daquela pastelaria nos chamou e nos deu um bolo a cada um. A malta agradece.

—Todos nós fomos a Sé tomar parte na desobriga pascal dos rapazes católicos do Porto.

—Desta vez é que os senhores do Porto, concerteza, erraram o numero da nossa porta. De um anónimo 30\$00, e de outro 100\$00. Foram as unicas dadas da quinzena. O Lar do Porto agradece.

Carta da Obra do Ardina

Lisboa, Calçada da Glória, 39
Brevemente: Coimbra, também...

«O ardina sabe cumprir a sua missão com desembaraço e galhardia!...»

Assim, há dias, o *Júlio Paiva*, que tem à sua conta o tratar de manter limpos os aventais do serviço da cosinha e refeitório, ficou desconsoladíssimo: o *Luis* limpou a mesa da cozinha com um.. avental!.. Lembrou-se, então, de dizer ao *Luis*; que tinha que levar o avental para casa e pedir à mãe que o lavasse e engomasse. O *Luis*, aflito, dava explicações do engano, que julgara ser um pano de pó, etc. O *Júlio Paiva* levou o caso às «instâncias superiores» —«Deve-se ou não castigar o *Luis* fazendo com que ele lave o avental?»

—«Não, porque foi sem querer», responderam-lhe —«Mas o avental não pode servir sujo»... arriscou o *Júlio Paiva*.

E lá foi para lavar a quem generosamente tomou esse trabalho da «Casa do Ardina» à sua conta...

Quem nos diria que o *Júlio Paiva* havia de ter uma noção tão alta de higiene? um tão grande zelo pela sua missão?!

Em compensação o *Joaquim Freitas* (12 anos) foi escolhido para Chefe da grupo da Caridade, tendo à sua conta o cubículo de escada onde se arrumam as trinta e tantas vassouras que possuímos.

Aceitou o cargo com a melhor das disposições, e pôs-se logo ao trabalho. Daí a pouco, vem junto do Vigilante:—«O Snr. Silva faz favor de mandar *alargar* o «gabinete das vassouras», que eu tenho medo de lá estar dentro»...

A resposta, não se fez esperar:—«Essa é boa. Então um chefe da «Casa do Ardina» com medo?!... O *Joaquim* lá prometeu deixar de ter medo e... cumpriu. Simplesmente, passou a servir-se de outro ardina do seu grupo como «secretário», entrando sempre «acompanhado» no citado «gabinete das vassouras» —«Um chefe não tem medo!...» Afirma-nos, convicto.

* * *

Oh se houvesse quem nos desse uma pequenina ajuda, também nós perderíamos a impressão de *horizontes limitados* à volta da «Obra do Ardina», vendo-os *alargados*, na melhor das compreensões do problema do ardina e da sua família. Atirar-nos-íamos para a frente, com toda a alma, certas de que não nos encontraríamos sósinhos em campo...

Venha de lá essa ajuda!!! Valeu? Para nos atirmos para a 2.^a «Casa do Ardina» em Lisboa, e para a de Coimbra e Porto. Só precisamos o balanço dessa... pequena ajuda, que o resto confiamos que virá por acréscimo...

MARIA LUÍSA

Isto é a Casa do Gaiato

O Branquinho foi à despensa grande roubar bacalhau. Na pequena nunca poderia fazê-lo, porque o Avózinha é sentinela permanente.

O Porto emprestou os sapatos ao Elvas e este não sabe agora dar conta deles. Foi assim que ele me disse, quando o vi hoje de manhã ir para a missa enfiado com a roupa do domingo e descalço.

HOJE tive de limpar a cara ó lençol da cama. Esta é a segunda vez. Temos de mudar o Alfredo da obrigação de creado dos quartos. Já o ameacei disso.

VEIO aqui ao meu escritório o Amandio pedir para o deixar cortar o cabelo à homem. Sim senhor. Pode cortar como deseja, para ser homem.

O Machado foi à copa, roubou um pedaço de presunto, foi assá-lo na cozinha do forno e comeu. O Francisco, que dera pela falta do presunto, foi logo ter com os três rapazes que antes vira na copa e disse: *Foi um destes. Terrível palavra. Nenhum queria ser. O Chegadinho descobriu. Houve quem tivesse visto o Machado a cozinhar o petisco e este foi dizê-lo ao Chegadinho.*

Contada esta evidência, passa a delinquente para as nossas mãos. E' interrogado. *Que não!*
—Não senhor; eu cá não roubei nada. Os outros é que me querem mal. A comunidade inteira, assistia, espantada da mentira descarnada. O mentiroso continuava a pés juntos: *Não comi nada!*

Ora acontece que naquele mesmo dia, o Adriano, de 7 anos, foi denunciado por pedir dinheiro aos visitantes. E' chamado a contas na mesma audiência. Interrogado, confessou imediatamente a sua culpa. O mentiroso, envergonhado, também confessou. Aprendeu a lição do mais pequeno.

HOJE, 18 de Março, apareceram aqui nada menos de 5 garotos dos caminhos, a pedir abrigo. Eram 3 irmãos da freguesia de Gandra de Paredes, diziam eles. Era outro que dizia ser de Cabeceiras de Bastos e ainda outro que não se ficou a saber bem de onde era, de tantas terras que nomeava. Não ficou nenhum. Nós não podemos amontoar rapazes; temos de dar a cada um espaço conveniente. No dia anterior, tinha estado um senhor do Porto, com uma creança pela mão, a fazer identico pedido. Tinha-a achado na rua! Cartas a relatar as maiores tragédias, nem é bom falar. Estes são os factos. Quem quiser que faça considerações e tire conclusões!

DEU-SE ordem ao Rio Tinto para colher nas nossas laranjeiras nova merenda de laranjas. E' a segunda, que as árvores são só três. As merendas levam 120 pomos.

Foi dito à malta, solenemente, que era um prémio, pelo respeito à minha vontade. As três laranjeiras, longe das nossas vistas e carregadinhas de fruta, são uma página viva de pedagogia aplicada. Quantos assaltos a quintas e pomares, não fizeram estes rapazes, nos seus tempos de moínice, — quantos?! Hoje, respeitam. Eles são os mesmos; o ambiente, — não.

O Fernando foi destituído. Era chefe, em conjunto com o Rio Tinto. Já não é. Foi visto, escondido atrás de uma porta, a fumar.

A doutrina de uso do tabaco, é simples e tem sido posta cá em casa com muita clareza. Os rapazes podem fumar, quando não tiverem de se esconder para isso. O facto de se esconderem é, em si mesmo, a maior das censuras pelo mais severo dos juizes; a consciência.

Cada um que fume, sim, mas à sua custa, diante de todos. Escondeu-se? E' porque roubou o dinheiro. Fuma ou pretende fumar à custa d'outrem. Não está certo.

ESTAVAM os rapazes a ensaiar canticos religiosos, com o Joaquim organista, quando o Alfredo do Porto berra de onde estava: *toque o barrigana.* Ora eu já conhecia o Barrigana da bola, por informações do Zé Eduardo, de muito credito. Porém, do Barrigana da musica, nada sabia. Interessou-me a musica. Quiz ouvir para saber. O organista começa e eles também: *O' Barrigana, defende a bola.*
—Ora bolas, disse eu. Ele é o mesmo! E retirei.

O Machado fugiu e no dia seguinte regressou. Nomeou-se uma comissão para o julgar: O Carlos de Tabua, o Rio Tinto mai-lo António do Bairro. Depois de haver nomeado os juizes e entregar o delinquente nas mãos deles, virei-me para a assistência e declarei que assim tinha de ser. Que nós não podemos deixar em branco estas faltas. Que temos de massacrar os rapazes. Quando cheguei aqui, como achasse a palavra *massacrar* algo difficil, perguntei ao que estava mais perto de mim, se ele sabia o que era *massacrar* rapazes. Ele não

sabia, mas respondeu um seu vizinho.

—Sei sim senhor.

—Então que é?

—E' chatear a gente. Estava o caso explicado. Mas eu quiz mais. Quiz que eles me dessem a razão porque os *chateamos* e novamente perguntei. Vem a resposta muito pronta lá do fundo, da boca do Ernesto, o nosso chefe mais pequenino: *E' para fazer de nós homens.*

No dia da nossa festa e a hora do almoço solene, os nossos gatos andavam por debaixo das mesas, em familia, e o nosso cão também! Alguém observou: *Não falta aqui nada para estarmos verdadeiramente em familia.*

Nada mais impressionante na nossa aldeia do que os julgamentos! A hora do julgamento! Ontem, veio à barra o Celso de Vizeu. E' o pior caso que temos na familia, prejudicado, ainda, por ter vindo com 13 anos de idade.

O Juiz produz as coisas roubadas. Narra. Comenta. Agrava: *olha que os mais pequeninos não fazem assim.* São palavras dele, vivas, incisivas, espontâneas, altamente compreendidas da malta, que escuta sem pestanejar. Eu estou presente, mas não interfiro. Claro que procuro inteirar-me previamente das resoluções que os juizes tomam, (são três) mas não sei como eles vão expôr e comentar. Ora isto, para mim, é sempre uma revelação. Senhor dos Céus; quantos valores perdidos, criaturas Vossas. Melhor, filhos adotados! Quantas estrelas que o mundo apaga e o amor acende — quantas!

A nossa capela a funcionar! Que é da palavra adequada para dizer o que sei?!

O Manuel de Lisboa ofereceu-se para ser o sacristão. Manhãzinha

fora, está no seu posto, a preparar as coisas. A's 7 horas, puxa a cord e dobra o sino. O aviso foi dado: *ninguém é obrigado a ouvir missa semana, mas pode fazê-lo quem quiser.* Foi dado e foi compreendido. Aparecem sómente aqueles a que Deus chama. O vento sopra onquere. Oh! mistério da graça, onca sonda dos mortais não toca.

As chaves ficam na porta e se encostada. Jesus está. O Mestre está e chama. Chama durante o dia à hora que só Ele sabe. Não vá gente impedir o caminho, fechando a porta!

A's 8 da noite, ou vinte do dia como agora se diz, o pequenino sacristão torna a repetir o acto que jamais se aborrece: a sineira granito vê o sino a dobrar.

Aí veem eles todos em restolha. O nosso mestre da musica, cêg está no seu lugar. Há a barafunda dos lugares: *chega-te para lá que já ontem aqui fiquei!* E' a poss O que preside dá o sinal. Faz silêcio. Estão ali cento e vinte rapaz à roda do altar de pedra. O pelica dos vitrais é o símbolo do Pelica escondido no sacrário. Ali tudo fa Tudo reza. O órgão é harmonioso As cantigas sujas da rua fore substituidas. Já não são da riestes que de lá vieram.

Adoramos-te, Senhor.

Ouvi tropel esta manhã, dentro casa, em direcção ao meu quarto de dormir: *que será?* Era o Zé Mar Foram o nosso milho! O Zé Maria nomeado o guarda do milho. Dorn ao pé da porta da casa onde guardamos. Quando deu fé, já esvam dois sacos fóra. Partiram vidraças, arrombaram a janela, não fôsse o Zé Maria, não tinham que comer. *Eram ó homens. gritei ó da guarda e eles fugiram.*

—Que horas eram?

—Praí três da madrugada!

ASSINATURAS PAGAS

Maria Helena Meira Maia, Arraiolos, 20\$; Dr.ª Maria da Condição Viegas, Portel, 50\$; Dr. João P. Duarte, Praia da Rocha, 50\$; P.º António Soares Magalhães, Cedovim, 25\$; Tomás de Moraes Pinto, 500\$; Catarina da Anunciação B. Rodrigues, 25\$; Ricardo Ivens Ferraz, 100\$; Dr. António Ferreira Monteiro, 140\$; José Rodrigues Campos de Oliveira, 100\$; Carlos R. Fernandes, 100\$; João Lopes, 50\$; José Firno Dinis, 50\$; CCE da Estremadura, 72\$5; P.º António Serrano, 20\$; P.º António Bernardino da Silva, 20\$; Dr. Aleixo Cordeiro, 20\$; Manuel Chaves de Almeida, 30\$; Domingos Rodrigues da Bela, 50\$; João Rodrigues da Bela, 50\$; José da Cruz Gomes, 20\$; Joaquim da Silva Mougá, 20\$; Menino João António Pereira Gaio, 20\$; Fernando J. Maia dos Santos, 40\$; António Porto Covo, 50\$; Júlia Duarte Cabrita, 20\$; Maria Luísa Pinto Lobo Martins, 30\$; Maria de Lourdes Blanco Caiola Zagalo (meio ano), 12\$; Manuel Matias Ferreira, 100\$; Aurora Nogueira Lopes Pereira, 30\$; Maria Laura Pereira 25\$; Matilde da Silva Reis, 20\$; Maria da Luz de Oliveira, 20\$; Irmãs Meireles, 20\$; Pedro Queiroz Pereira, 20\$; José de Sousa Teles, 20\$; Alvaro de Noronha, 20\$; Dr. Francisco de Medeiros Canto, 20\$; Maria Mendes Pereira, 26\$; Alda da Silva Pinho, 30\$; Clotilde Costa Pinto Casal, 25\$; António Sampaio e Melo Vasco, 25\$; Meninos Artur, Luciano e António Ravara, 100\$; Joaquim Gomes dos Santos, 500\$; Ilda Coelho,

25\$; Henrique Cortesão, 50\$; Maria de Lourdes França Félix, 30\$; Angelina Alves Gomes, 50\$; Joaquim José Rodrigues, 50\$; Casa de S. Vicente de Paulo, 50\$; A. Zuzarte de Mendonça, 36\$; Mademoiselle Elsi Roggenmoser, 20\$; Júlia Albano, 20\$; Madalena Fialho, 30\$; Norma Martins, 30\$; Amália Ferreira da Costa, 25\$; Maria Helena Alvelos, 50\$; Neta Canto e Castro (de Out. a Março) 50\$; Clube Tauromáquico Português, 25\$; Maria da Conceição Rosado Falcão, 50\$; Elvira Paiva dos Santos, 20\$; Tomás de Figueiredo, 50\$; Dr. Alfredo Ary dos Santos, 100\$; José Simões Travassos, 30\$; Alvaro Poppe, 50\$; António Maria C. e Campos Poppe, 50\$; Nuno Maria Coelho e Campos Poppe, 50\$; Ana Maria Coelho e Campos Poppe, 50\$; Maria da Graça Coelho e C. Poppe, 50\$; Bernardino dos Santos, 20\$; Teresa Ferrão, 50\$; Paulo Cunha, 100\$. Todos de Lisboa.

Maria Eduarda Nozes Fernandes, Fozcoa, 25\$; Maria Celeste Chi, Fozcoa, 25\$; Francisco Sotero de Melo, Freixo de Numão, 25\$; João Silva, 50\$; Laura Ferreira da Silva, 20\$; Sousa Oliveira & Cardoso, 50\$; Armando Lima, 100\$; Madalena Malheiro Dias, 20\$; Manuel Dias Bessa Ribas, 200\$; Francisco Monteiro, 100\$; Jaime Moreira, 25\$; Fernando Ladeiras, 40\$; José Tojal, 30\$; Austrelino Cruz, 50\$; Margarida Lousada, 25\$; Eduardo Rego Machado, 25\$; Paulino Amorim, 25\$; Manuel da Silva Moreira, 50\$; Ana Saraiva Padrao, 50\$; Regente do Centro

Social da Sé (45 e 46), 40\$; Alfredo Almeida, 20\$; Maria dos Anjos Almeida Couto, 50\$; Alvaro Faria, 50\$; Mario Ejliso Faria Delgado, 40\$; Pedro Teles da Silva Pereira, 50\$; M. J. G., 30\$; Maria Burnester, 100\$; Joaquim Gomes Carneiro 20\$; Lucinda Pereira Braga, 50\$; Manuel da Silva Correia, 50\$; Maria Alcina Arrochela Gomes, 20\$; Ernestina da Silva Monteiro, 25\$; Manuel Martins de Moura, 25\$; António Alberto Pinheiro, 100\$; Gizelda Lousada Soares, 25\$; Maria Pinto da Rocha Barbosa, 50\$; Joaquina Marques Nogueira, 25\$; Teodoro da Silva Santos, 20\$; Porfirio de Oliveira, 50\$; Amélia Peres, 25\$; Eng. Arnaldo Augusto de Sousa Melo, 40\$; Manuel Ferreira, 30\$; Carlos Vilela Bouça, 25\$; Mario dos Santos Liwa, 50\$; Edmond Riley, 50\$; P.º Adão de Carvalho, 50\$; Joaquim José Fernandes de Oliveira, 50\$; António Lopes Teixeira, 100\$; Alvaro Burnester Martins, 100\$; Anselmo Ferreira Neto (3 anos), 150\$; Mario Augusto Ferreira da Costa, 25\$; António Ferreira Rodrigues da Costa, 25\$; Rui Manuel P. Barbot Costa, 25\$; António de Almeida, 25\$; António Pinheiro Aragão, 25\$; José de Sousa Ribeiro, 50\$; Dr. João Vasconcelos, 20\$; Virgínia Costa, 60\$; Francisco de Sena Esteves, 60\$; Guilhermina Augusta Martins, 25\$; Matilde Júlia Lopes Martins Coelho, 50\$; Manuel Dias de Almeida, 30\$; Hermengarda Guedes, 25\$; Violenta Cunha, 50\$; Maria Emília Duarte Costa, 50\$; Aurora Bessa, 25\$.

Do que nós necessitamos

Caro P.º Américo

Venho pedir-lhe uma esmola, no caso de o orçamento da «Casa do Gaiato» ter verba: *Se ainda não tem, compre a balança de pesar Crianças, que eu pago.* Eu, não; nosso Senhor é quem paga.

Repito: é uma esmola, porque eu um dia também hei-de ser posto numa balança... em cujos pratos nem sempre se põe carne limpa...

O pedido fica feito. Queira Deus que vá a tempo.

Outro pedido: nunca me ponha o nome no jornal. Isso sabe sempre bem, mas faz muito mal.

Desculpe-me, duma vez para sempre, de estar a importuná-lo de vez em quando. Mas é para bem de nós ambos e de outros. E' que nós precisamos mais de fazer bem, que os necessitados de o receber.

Sim senhor. Nós precisamos de fazer bem. Procurar a felicidade onde ela verdadeiramente se encontra. Sim, meu padre. V. Rev.ª é um dos raros sacerdotes que não busca os seus interesses, como é da obrigação de todo o ministro do altar.

Pregamos o Evangelho e não acreditamos no Evangelho! Tem-se medo da renuncia. Procuram-se formulas mais suaves de levar a propria e conduzir a vida dos fieis. Erro. A verdade nua e crua pode ser um perigo e é sempre um escandalo. Erro. Ai está o Mundo a dizer que anda tudo errado, sem atinar com os caminhos, e ele só há um. Só um caminho: *Eu sou o Caminho! Eu sou a porta.* Afirmações categoricas da Eterna Sabedoria. Quem fôr por outros, quem entrar por outras, erra. Sim, meu bom padre, deixe vêr a sua mão.

Andava eu ocupado em saber de onde me havia de vir e onde havia de colocar um cruzeiro e umas *alminhas* na nossa Aldeia, quando recebo a visita de uma familia do Porto, a pedir licença para erigir intra muros um cruzeiro e umas *alminhas!* Juntou-se a fome à vontade de comer. Fome do cruzeiro, vontade de o oferecer.

A balança de pesar crianças custa mil e oitocentos escudos. Mais 50\$ do primeiro ordenado de um engenheiro. Outras ofertas em dinheiro e coisas, tantos e tais que não há papel nem tinta nem espaço para dar relação adequada.

Continua na página quatro.

NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

— POR —

Carlos Alberto Pontes

Os nossos pobres

○ Nosso confrade que está no Seminário da Figueira, não se esquece dos nossos pobrezinhos. Aqui publicamos uma carta que enviou ao nosso Presidente:

— Meu querido Irmão em Jesus Cristo. Que esta minha cartinha te encontre na Bênção e Paz do Senhor, é o meu maior desejo.

Continuais a socorrer os vossos pobrezinhos da Conferência, não é verdade?

Tende sempre no vosso pensamento as palavras do Divino Mestre: Aquilo que fizerdes ao meu mais pequenino irmão, é a mim que o fazeis.

Vêde sempre nos pobrezinhos, o doce Jesus Menino, pequenino como nasceu no presépio.

Dizei-lhes palavras de conforto espiritual e corporal, para os ajudardes a levar a cruz desta vida.

E é assim que ganhareis, o 100 por um, prometido por Nosso Senhor.

Mostrai sempre o vosso esforço, o vosso sacrifício, para bem deles e para a salvação das almas. Às vezes estais a brincar e se por exemplo vos mandarem levar-lhes a esmolita fazei o sacrifício e ofereceu-o a Deus.

Trabalhai sempre com zelo para merecerdes de Deus a recompensa do vosso sacrifício.

E não é verdade que o Divino Mestre se sentava à mesa com os pobrezinhos e chamava-os ao banquete nupcial?

Irmão, aqui te mando uma recordação para te não esqueceres nas tuas orações de pedires a Deus por mim. Aos teus companheiros darei quando for a férias. Agora, queridos confrades da Conferência, um último abraço do vosso amigo que está sempre ao vosso dispor, como vosso irmão mais novo.

Tenho muitas saudades dos pobrezinhos e de não poder ir convosco levar-lhes a esmolinha, mas irei dum modo especial nas minhas orações.

Cumprimentos para todos os companheiros, cumprimentos à Senhora e ao Sr. Manuel e ao Sr. Joaquim. Cumprimentos ao Sr. Pe. Adriano dizendo-lhe que estou bom de saúde e beijinhos ao meu irmão Carlos.

E tu recebe muitos abraços deste teu irmão amigo: JOÃO CARLOS FREITAS.

○ Carlos Alberto, depois da festa de Paço-de-Sousa ficou empregado no Porto. Mereceu bem, voltar ao seu emprego porque desde que veio para aqui teve sempre bom comportamento. Deus queira que ele se porte bem como também os outros.

○ desconhecido já vai estando mais civilizado. O Sr. Joaquim perguntou-lhe se ele era feliz, e ele respondeu-lhe:

- Não senhor.
- Então que és tu?
- Sou gente!

○ Os maiores têm andado a semear um pinhal. Também vão todas as semanas cortar mato. Agora o Grémio de Miranda prometeu-nos um silo. Como nunca recebemos nada das autoridades da vila, vamos a ver se agora é que é certo.

○ Humberto que era ajudante do cozinheiro, como estava cada vez mais cego, foi substituído pelo barrigana que era das velhas.

O barrigana começou logo bem: só duma vez bebeu cinco chavenas e meia de café; agora é que ele vai ficar barrigana.

UM miúdo muito mau, que tinha estado nas colónias de férias onde partia a cabeça a todos à calhoda, andava há muito a pedir ao Senhor Padre Adriano que o trouxesse. Quando a mãe morreu há dias ele andou a pedir para o caixão. Correu a cidade toda e até foi pedir ao snr. Governador Civil. Sempre arranjava dinheiro para pagar tudo, mas diz que o caixão estava mal feito. Agora foi apanhado pela polícia por andar a pedir. O Senhor Padre Adriano trouxe-o para a Casa de Miranda e já quer trabalhar. Era conhecido por Zé das Bolas. Ainda agora foi ter com o Snr. Padre Adriano e disse-lhe: Siô pade, ainda hoje lhe não dei a bença.

VIERAM cá dois rapazitos pedir. Traziam as cabeças cheias de viajantes e o fato a cair. O Snr. Joaquim mais o Snr. Manuel deram-lhes um belo banho no chuveiro e cortaram-lhes o cabelo. Quando lhes falámos em banho eles começaram a gritar, mas quando viram que a água era quente já de lá não queriam sair. Quando lhes deram umas cuécas dis-

MIRANTE DE COIMBRA

Todos clamam contra a miséria quando a vêem na rua; que diriam se a vissem no seu próprio meio? Talvez houvesse mais justiça nas recriminações e sobretudo menos egoísmo no repartir com os Pobres, os bens que a Providência nos confiou.

A procura dum tuberculoso, saído do hospital para dar lugar a outro mais recomendado, fui dar a uma «ilha», lá para os lados do Cabeço.

Já lá vão dois anos, mas tenho sempre viva a lembrança daquele quadro tétrico. Era em pleno inverno. O Casebre de táboas apodrecidas, estava transformado interiormente num lago de lama. Ao centro, sobre um montículo de seixos emergindo da água, a panela recebia o calor de dois gravetos. Dava a ideia dum castelo medieval, cercado do respectivo fôso.

A um canto, umas enchergas onde a noite unia a família toda até à terceira geração. A fermentar tão incestuosa promiscuidade, a tuberculose e a fome.

O quadro não mudou nestes dois anos. Apenas o pincel da morte veio tornar mais escuras as sombras já carregadas da doença e da inocência que ia mergulhando na lama.

Todas as semanas, a avó macilenta vinha bater à porta do Lar a pedir a ajuda para um pão, depois de passar pelo Dispensário.

Há dias a infeliz estava caída às Escadas do Liceu. O cálcio já lhe não deu alento.

— «O médico ralha comigo por eu vir às injecções em jejum, mas que hei-de eu fazer?» Eram onze horas. Dei-lhe uma chavena de leite com café e pão. Tomou-o com lágrimas.

— «Obrigado, padre, a bem dizer o meu mal é não ter que comer».

Enquanto se retirava cambaleando, ia fazendo as suas despedidas em tom comovente: eu vou muito doente, padre Já cá não volto. Perdoe-me o incómodo que lhe tenho dado. Encomende-me a Deus que eu já cá não volto. E não voltou.

Se eu tivesse um coração como o vosso, talvez não chorasse nessa altura. Pobre Amélia! Que frutos a árvore da avareza produz!! Em casos múltiplos, como este, pode alguém dar por mal empregadas as esmo-las que nos confiam?

Do que nós necessitamos

Continuação da 3.ª página

Hoje, apareceu um casal com elegancia e modestia. Tome lá. Era um envelope com cinco notas de conto.

— São do Porto?

— Somos, sim.

Pois de onde haviam de ser? Quem sabe falar assim? Ofereceram-nos uma estatua de Francisco de Assis, com muitos passarinhos nas mangas do habito. Colocou-se sobre uma pequena mesa, na sala principal da Casa-Mãe. Os nossos mais pequeninos, passarinhos abandonados, plantam-se à roda da mesa, miram, exclamam, vão chamar por mim: venha vêr os passarinhos. Quem dera em cada século um Francisco de Assis!

seram que nunca tinham vestido umas calças como aquelas. Demos-lhes um prato de sopa, pão e conduto, e um fato melhor do que aquele que traziam.

Pobres desgraçados traziam uma camada de palmo. Já de outra vez cá veio um outro da Beira; dizia que andava a pedir pão para a mãe que estava doente da espinha duma cobra. Era moço dum cego. Também lhe deram banho e vestiram um fato lavado. No fim até o cego dizia para ele: ah! agora não pareces o mesmo...



O «Santa!» E' o Orlando do Porto

Doutrina Social

Fui há dias visitar um doente do pardieiro, que sofre dum mal sem cura, e espera, resignadamente, a hora derradeira. Conversamos algum tempo. As dores afligem-no. Quanto mais sofro mais rezo; o meu trabalho é rezar. E durante a nossa pequenina lição espiritual, o moço disse-me muito baixinho que pede a Deus paciência. Repetiu três vezes a palavra no mesmo tom, com verdadeira ternura, como quem fala dum remédio precioso, que alivia dores sem curar a doença.

A gente vê ali o dedo misterioso de Deus na sua missão de Bom Pastor, a confortar as suas ovelhas que O conhecem pela fala; pois êle é absolutamente impossível que não caia no desespero quem se encontra em tal estado, sem preparação para as coisas santas nem conforto para as profanas como acontece no caso presente. Ao despedir-me do gigante desconhecido, ele mete a mão debaixo do travesseiro, retira duas senhas de penhor: olhe; *va-me buscar isso para eu levar para a eternidade*. Era um par de calças e uns sapatos. Disse *eternidade*. Não disse *para debaixo da terra*.

Sabe hoje muitas coisas que dantes desconhecia, o nosso doente. Tomei na mão os dois papéis sujos da transação e cumpri a vontade de um amigo. A vontade derradeira.

Quando leio nas colunas dos grandes diários, as manchas negras que o Socorro Social tem descoberto na vida do nosso semelhante, fico apavorado com os algarismos e arripiado por observar que ninguém faz caso. Contam-se pelas estrelas do céu, os infelizes que recebem as coisas penhoradas. Ninguém sabe quantos, como este nosso doente, não podem comparecer. Ignora-se o numero daqueles que podem e queriam, mas temem vergonha. De onde se infere que os bens da terra, são privilégio! Mais. A descrição dos objectos resgatados é, por vezes, angustiosa; maquinas de costura! Centos e centos e centos delas!

Duma vez entrei numa casa e vi coisas que se não dizem, por decoro da espécie humana. Tome, padre. Acuda-nos. Era uma cautela. Uns tocadores ambulantes, tinham empenhado a guitarra! A cantadeira chorava ao pé de mim, com um filhinho ao colo. Era a verdade. Quando cantava, mentia! Fui resgatar, a dizer baixinho: *Senhor do céus, que força não tem a miséria!*

Estes casos desesperados, nem sempre, mas a maior parte das vezes, são a opressão. São a usura. E quando estas coisas acontecem num país que se diz cristão, são a ignorancia culpada do verdadeiro sinal da Cruz.

De como foi a inauguração da nossa Aldeia

Continuação da primeira página

Ontem era flor nos campos. Hoje é pano que nos veste. E vem o Herlander, que se dirige ao Ministro a dizer o que sente, como sabe. Estava a fogueira acesa. Viu-se o lume da nossa aldeia. Página luminosa do Evangelho aplicado.

O Ministro levantou-se. Falou da abundância do coração. Ele também estava a arder! Deu-me um cheque de cem contos.